

# [contextual]

A REVISTA ONLINE DA ASSP SOBRE EDUCAÇÃO

**Bem-estar na escola:**  
humanizar para  
transformar vidas

**A poética  
d(n)a  
Leitura**

**Adolescência:  
O papel da  
adversidade e da  
resiliência nos  
comportamentos  
de risco**

**Depoimento**

Sua Excelência, Presidente da República  
Marcelo Rebelo de Sousa

**“o combate à pobreza faz se caso a caso, pessoa a pessoa, mas como fenómeno global, de múltiplas causas e abordagem transversal e é nessa dimensão que impacta e decorre de uma Educação com qualidade”**

# ASSP

# Associação de Todos os Professores



# Enquanto houver estrada para andar...

**Ana Maria Morais**

Presidente da Direção Nacional da ASSP

**A** Contextual, Revista da ASSP - Associação de Solidariedade Social dos Professores vai continuar a sua caminhada.

E vai continuar na linha que definiu desde o seu número zero.

A Contextual é um projecto totalmente virado para o universo da Educação.

Queremos ser um novo veículo informativo ao serviço de toda a comunidade educativa, sejam os professores, os formadores, os alunos.

Temos vindo a ouvir a opinião dos principais protagonistas do mundo da educação e é esse o caminho que queremos continuar a percorrer. Essa é também a marca de mais este número da Contextual, o terceiro.

Nesta edição fomos ouvir professores, experientes no domínio da inclusão, questão de grande atualidade nas escolas

portugueses. Mas ouvimos também a opinião de psicólogos que nos trazem uma reflexão sobre a adolescência e as suas problemáticas. Também a importância da leitura é tema deste número da Contextual, assim como a visão da importância do professor na sala de aula.

Trazemos também a opinião avalizada de quem está mais próximo dos problemas dos estudantes - as respectivas associações.

Queremos, pois, na Contextual, continuar a analisar o complexo mundo da Educação, os seus constrangimentos, as suas fragilidades, mas também as suas conquistas e os novos elementos desafiantes da actualidade.

Esse é o caminho que a Contextual percorrerá enquanto houver estrada para andar. E no domínio da Educação esperamos que seja uma longa estrada. ■

## Ficha Técnica

### DIRETORA

Ana Maria Morais

### DIREÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa  
Tel. 218 155 466 | Fax 218 126 840  
info@assp.pt | www.assp.pt

### PROPRIEDADE

Associação de Solidariedade Social dos Professores

### COORDENAÇÃO EDITORIAL

ASSP Comunicação

### CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Sandro Costa

### REDAÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa  
assp.comunicacao@gmail.com

### PUBLICAÇÃO DIGITAL SEMESTRAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

### NOTA

A não adoção do Novo Acordo Ortográfico é da responsabilidade dos autores.



Depoimento de...

# 06

## Marcelo Rebelo de Sousa

Presidente da República

**Refletir sobre a pobreza é refletir sobre as suas causas e sobre as desigualdades que promove**

A palavra aos Professores



# 10

**Bem-estar na escola: humanizar para transformar vidas**

Fernando Elias

A palavra aos Professores

# 18

**A poética d(n)a Leitura**

Nicolau Borges



A palavra aos Estudantes



# 30

**O estado do Ensino Superior em Portugal**

David Morais da Silva

Artigo



# 24

**Adolescência: O papel da adversidade e da resiliência nos comportamentos de risco**

Virgínia Alberta Martins

A palavra aos Sindicatos

# 34

**Educação Sem Professores?!...**

Manuela Mendonça



# Gabinete Jurídico da ASSP

| Assuntos sobre a Carreira  
| Assuntos Pessoais

- Direito do trabalho
- Direito civil
- Direito de Família e Menores
- Direito Penal
- Direito Contraordenacional
- Direito Administrativo



**Depoimento de...**

Sua Excelência, Presidente da República

**MARCELO REBELO DE SOUSA****REFLETIR SOBRE A POBREZA  
É REFLETIR SOBRE AS SUAS CAUSAS  
E SOBRE AS DESIGUALDADES QUE PROMOVE**

“o combate à pobreza faz-se caso a caso, pessoa a pessoa, mas como fenómeno global, de múltiplas causas e abordagem transversal e é nessa dimensão que impacta e decorre de uma Educação com qualidade”

*Neste número da Contextual, fomos ouvir o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa sobre a interligação que existe entre a pobreza e a Educação. Num depoimento à Contextual, o Presidente Marcelo refere a diminuição do índice de pobreza de 2015, onde havia 2 700 milhões de pobres, para o ano de 2023, quando o índice de pobreza diminuiu para os 2 104 milhões de pobres.*

Refletir sobre pobreza, na sua relação com a educação em Portugal, como me desafia a “Contextual”, é, antes de mais, assumir a profunda interconexão entre as duas realidades, fenómenos que interagem num contexto mais global, que é aquele que vivemos neste arranque de 2025, somado assim guerras em curso, indefinições geopolíticas, alterações climáticas e migrações, enquanto fatores globais de risco.

Refletir sobre a pobreza é refletir sobre

as suas causas e sobre as desigualdades que promove. E num país onde persistem mais de 2 milhões de pobres, teremos também de refletir sobre o que não sabemos sobre a pobreza. Ignorá-la é adiar o bem-estar do país como um todo, atrasando soluções para as iniquidades que são o seu lastro no acesso a direitos fundamentais, incluindo a Educação.

Se tomarmos como referência o ano de fundação da ASSP - Associação de Solidariedade Social dos Professores, há mais de quatro décadas, olhamos para uma realidade inexistente, porque não avaliada, nem estudada. Em 2015, primeiro ano em que se aplicaram os indicadores estatísticos atuais, a pobreza atingia mais de dois milhões e 700 mil pessoas em Portugal. Quer isto dizer que, face à redução numérica até 2023, para 2 104 milhares de pessoas estamos melhor?

“

*A pobreza tem rosto e afeta portugueses que em muitos casos trabalham ou estudam, que vivem as mesmas necessidades, com as mesmas ambições e que como todos nós tiveram de enfrentar as crises sucessivas.*

”

“

*Continuamos a precisar de menos pobreza porque isso significa mais e melhor Educação e também mais saúde, mais cultura, mais habitação, mais participação cívica, mais coesão.*

”

Não. Não estamos. Porque se exigia mais, porque olhar para o futuro não é repetir passado, como sublinhei na mensagem lida no primeiro dia do ano. Continuamos a precisar de menos pobreza, porque isso significa mais e melhor educação, e também mais saúde, mais cultura, mais habitação, mais participação cívica, mais coesão.

Por muito tentador que seja concentrarmo-nos apenas na visão que nos é dada pelos números, apesar de tudo uma vi-

são de melhoria estatística, não é essa a minha opção. Porque a pobreza tem rosto e afeta portugueses que, em muitos casos, trabalham ou estudam, que vivem as mesmas necessidades, com as mesmas ambições e que, como todos nós, tiveram de enfrentar os impactos das crises sucessivas vividas nos últimos anos, e um contexto atual que é ainda de incerteza. À maior ambição no combate à pobre-

za, junto assim a necessidade de mais empatia.

Combater a pobreza significa investir na economia, na inovação, na produtividade, no desenvolvimento do país. Melhores rendimentos que de nada servirão se não somarmos estratégia, diálogo e cooperação. De que serve uma Estratégia Nacional de Combate à Pobreza, com ambição para uma década, se os seus planos de ação são definidos pelos





“

*Combater a pobreza significa investir na Economia, na inovação, na produtividade e no desenvolvimento do país. Melhores rendimentos de nada servirão se não somarmos estratégia, diálogo e cooperação.*

”

ciclos eleitorais, inibidos pela falta de colaboração intersectorial ou pela ausência de interlocutores qualificados.

Combater a pobreza é, finalmente, transformar a sua relação com a sociedade, tantas vezes construída sobre mitos e preconceitos que obstaculizam a ação e promovem a sua invisibilidade. Educando para a pobreza, com reflexão transdisciplinar, alargando ho-

rizontes de compreensão e inspirando caminhos para o seu combate.

Neste contexto uma homenagem é devida. Homenagem a um Professor, pioneiro dos estudos sobre a pobreza em Portugal - Alfredo Bruto da Costa. Académico e homem de causas, servidor público e cívico. Deixou-nos uma mensagem: o combate à pobreza não exige apenas mudanças institucionais, depende

na mesma medida de mudanças no quadro dos valores dominantes nas nossas sociedades. Por outra palavras, o combate à pobreza faz se caso a caso, pessoa a pessoa, mas como fenómeno global, de múltiplas causas e abordagem transversal e é nessa dimensão que impacta e decorre de uma Educação com qualidade. ■

## A palavra aos Professores



**Fernando Elias**

Ex-Diretor do Agrupamento de Escolas de Colmeias  
Ex-Conselheiro do Conselho Nacional de Educação

# Bem-estar na escola: humanizar para transformar vidas

*Fernando Elias, Ex-Diretor do Agrupamento de Escolas de Colmeias e Ex-Conselheiro Nacional de Educação aborda, neste artigo, o papel dos professores no sucesso escolar dos alunos e enfatiza o papel do impacto da felicidade organizacional nos atores educativos*

### O Contexto Global

A escola, muito mais do que um lugar de ensino, deve ser um espaço onde se constroem relações, se promovem emoções positivas e se inspira a transformação humana. No coração dessa transformação está o bem-estar, não apenas como uma meta, mas como parte fundamental da matriz identitária da escola.

No entanto, a realidade educativa em Portugal apresenta desafios significativos. Dados apresentados em 2022 pelo relatório *Observatório Escolar: Monitorização e Ação | Saúde Psicológica e Bem-estar* revelam que cerca de um terço dos alunos e metade dos professores apresentam sintomas de sofrimento psicológico. Na mesma linha, o relatório *Wellbeing and Mental*

*Health at School: Guidelines for School Leaders, Teachers and Educators*, da Comissão Europeia, também publicado em 2022, destaca a importância do bem-estar escolar como a base para o desenvolvimento académico, psicológico e social. Ambos os documentos continuam relevantes e sublinham questões urgentes sobre o impacto do bem-estar na comunidade educativa.

Além disso, estudos anteriores reforçam a gravidade da situação. Em 2018, 76,4% dos professores relatavam sinais de esgotamento emocional, segundo a Universidade Nova. Esses dados históricos sublinham que o desgaste psicológico é um problema persistente e que medidas urgentes são indispensáveis para mitigar o impacto no meio educacional.



**“A realidade educativa em Portugal apresenta desafios significativos. Dados apresentados em 2022 pelo Observatório Escolar: Monitorização e Ação/Saúde Psicológica e Bem-estar revelam que cerca de um terço dos alunos e metade dos professores apresentam sintomas de sofrimento psicológico.”**

### **O Bem-Estar na Escola: Um Pilar para a Felicidade**

Vamos imaginar uma escola onde cada aluno é ouvido, cada professor é valorizado e cada membro da comunidade encontra significado na sua contribuição. Esse ambiente é construído sobre um clima escolar positivo, onde valores como o respeito, a empatia e a colaboração são vivenciados diariamente.

A investigação mais recente salienta que quando os professores estão felizes, transmitem energia positiva que se reflete nos alunos, criando um ciclo virtuoso de desenvolvimento. A felicidade organizacional não é um conceito abstrato; é tangível e pode ser promovida por fatores como o reconhecimento, a valo-

rização de talentos, a confiança e a gestão equilibrada do stress. Dados do *Programa de Bem-Estar socioemocional docente* mostram que iniciativas práticas, como a capacitação de professores e o trabalho em rede, são fundamentais para estabelecer uma cultura de bem-estar.

O conceito de “agency” destaca-se neste contexto. Os professores e os alunos devem ser vistos como agentes ativos, com autonomia para tomar decisões que impactem positivamente o processo de ensino-aprendizagem. Esta abordagem, apoiada pela OCDE no documento *Future of Education and Skills 2030*, enfatiza que a educação deve empoderar pessoas, não apenas formar técnicos.

## Liderança: O Motor do Bem-Estar

Uma escola humanizada e humanizadora depende de lideranças visionárias, de Diretores(as) que promovam um ambiente de confiança, motivem as suas equipas e inspirem transformações baseadas em valores éticos, criando assim as condições ideais para o bem-estar.

No âmbito do Programa de Bem-Estar socioemocional docente, workshops como "O Papel das Lideranças Escolares" destacaram a importância das lideranças que atuam como agentes de suporte e inspiração.

### Estratégias Práticas para o Bem-Estar Escolar

Transformar uma escola num espaço de bem-estar requer ações concretas e direcionadas, adaptadas às necessidades dos alunos, dos professores e da comunidade escolar como um todo. Estas estratégias não promovem apenas a saúde mental, mas constroem também uma cultura escolar onde cada indivíduo se sente valorizado, seguro e motivado para contribuir para o sucesso coletivo.

Para alcançar esse objetivo, é fundamental mobilizar a comunidade escolar em debates alargados nos agrupamentos de escolas/escolas não agrupadas, com o intuito de identificar as áreas fortes e fracas e desenvolver planos de ação específicos. Estes planos devem ter em conta as especificidades de cada etapa e contexto, como a educação pré-escolar, os anos de transição e as diferenças regionais ou de género, conforme recomendado pelo relatório *Observatório Escolar: Monitorização e Ação | Saúde Psicológica e Bem-estar*. Vejamos algumas **estratégias direcionadas para diferentes públicos que podem ter impacto significativo:**



***“Em 2018, 76,4 % dos professores relatavam sinais de esgotamento emocional segundo a Universidade Nova. Esses dados histórico sublinham que o desgaste psicológico é um problema persistente e que medidas urgentes são indispensáveis para mitigar o impacto no meio educacional.”***

### Para os Alunos:

- **Mentoria entre Pares:** Facilitar relações de apoio entre os alunos, promovendo empatia e inclusão na comunidade.
- **Espaços de Bem-Estar:** Criar ambientes que promovam a serenidade, a regulação emocional e a reflexão, proporcionando um espaço acolhedor.
- **Educação Socioemocional:** Incorporar as competências emocionais e sociais em atividades e disciplinas do currículo para promoção integrada de aprendizagens equilibradas e saudáveis.





### Para os Professores:

- **Formação Contínua:** Foco em temas como a gestão de stress, a educação positiva e a saúde emocional.
- **Workshops de Bem-Estar:** Sessões de mindfulness, yoga e meditação.
- **Valorização Docente – Promover o reconhecimento dentro da escola:** Embora haja uma escassez de mecanismos formais de incentivo e reconhecimento do mérito pedagógico, profissional e organizacional por parte do Ministério da Educação, as escolas podem adotar iniciativas internas, lideradas pela Direção ou pelas lideranças intermédias, capazes de valorizar o trabalho docente em toda a sua abrangência. Os pequenos gestos de valorização podem ter um impacto profundo na motivação e no bem-estar dos professores, promovendo uma cultura escolar mais humana, integrada e acolhedora. Destacamos, de seguida, algumas práticas concretas que podem ser implementadas:
  1. **Conversas informais entre colegas:** Promover momentos de partilha e de reconhecimento mútuo, valorizando o esforço e a dedicação de cada docente, fomenta a empatia e o apoio entre pares.
  2. **Reconhecimento em reuniões gerais de professores e/ou reuniões de departamento curricular ou de grupo disciplinar:** Destacar publicamente conquistas, iniciativas pedagógicas inovadoras ou o impacto positivo no ambiente escolar.
  3. **Distribuição equilibrada do serviço docente:** Reduzir o número de turmas ou de níveis atribuídos a professores que lideram projetos, permitindo-lhes dedicar mais tempo às suas funções estratégicas.
  4. **Escalas de serviço sensíveis ao grau de envolvimento:** Reduzir o número de convocatórias e trabalho adicional para os docentes que assumem papéis de maior responsabilidade no organograma da escola.
  5. **Horários ajustados às necessidades pessoais:** Sempre que possível e sem prejuízo dos horários dos alunos, considerar as circunstâncias pessoais dos docentes – como a distância casa-escola ou filhos menores – na fase da elaboração dos horários, promovendo um equilíbrio entre a vida profissional e pessoal.
  6. **Criação de prémios internos ou momentos de celebração:** Instituir prémios simbólicos para as boas práticas pedagógicas ou organizar eventos de partilha de projetos bem-sucedidos.



**“Os professores e os alunos devem ser vistos como agentes ativos, com autonomia, para tomar decisões que impactem positivamente o processo de ensino-aprendizagem.”**

### No âmbito organizacional:

- **Redução de Burocracia:** Simplificar os processos administrativos para devolver aos professores o tempo para ensinar.
- **Planos Estratégicos:** Criar e monitorizar iniciativas de bem-estar alinhadas com as diretrizes nacionais e europeias. Estas iniciativas ganham ainda mais relevância quando observamos exemplos concretos de sucesso, como o *Programa de Bem-Estar socioemocional docente* implementado em Cascais desde 2022. Com mais de 1200 profissionais envolvidos, este programa destacou-se por ações como a capacitação em competências socioemocionais, a criação de embaixadores do bem-estar e a organização de atividades inovadoras, como o teatro de improviso e workshops temáticos.

### Políticas Públicas: Garantir Sustentabilidade

Uma ação concertada com as direções dos agrupamentos de escolas/escolas não agrupadas é essencial para promover o bem-estar de forma sustentável. Assim, sensibilizar os líderes escolares para a importância do clima escolar e do bem-estar psicológico de todos os membros da comunidade educativa é um passo crucial, como se recomenda no relatório *Observatório Escolar*.

Adicionalmente, o relatório da Comissão Europeia sublinha a necessidade de financiar adequadamente os serviços especializados, como psicólogos e assistentes sociais, para garantir que os alunos e os professores tenham apoio contínuo.

### Educação e Bem-Estar: O Caminho para Transformar Vidas e Futuros

Mais do que um local de transmissão de conhecimento, a escola deve ser um espaço de desenvolvimento humano. Cada gesto de cuidado e empatia, bem como cada decisão orientada para o bem-estar, repercute-se na vida de centenas de pessoas, criando um impacto duradouro.

O desafio é grande, mas a recompensa é ainda maior. Transformar as escolas em espaços de felicidade e saúde é mais do que um sonho: é uma necessidade urgente. Como educadores, líderes e cidadãos, temos o poder e o dever de criar comunidades onde ensinar e motivar para querer aprender se torna um ato de amor, de cuidado e de inspiração – um legado que



**“Este é o verdadeiro papel da educação: não apenas transmitir conhecimento, mas construir pontes de empatia, de esperança e de transformação.”**



transforma vidas, toca corações e ilumina futuros. Este é o verdadeiro papel da educação: não apenas transmitir conhecimento, mas construir pontes de empatia, de esperança e de transformação.

A educação é, indiscutivelmente, o melhor investimento que uma pessoa pode fazer em si própria e para o desenvolvimento do país. Mais do que um direito, ela é a chave que abre portas para um futuro mais justo, inovador e sustentável – um futuro onde o potencial humano é verdadeiramente ilimitado. ■

## Referências

1. Câmara Municipal de Cascais e EDThink. (2022-2025). Programa de Bem-estar socioemocional docente: 1.ª, 2.ª e 3.ª Edição. Disponível em: [cascais.pt](https://cascais.pt)
2. Comissão Europeia. (2022). *Wellbeing and Mental Health at School: Guidelines for School Leaders, Teachers and Educators*. Disponível em: [education.ec.europa.eu](https://education.ec.europa.eu)
3. Matos, M. G., et al. (2022). *Observatório Escolar: Monitorização e Ação | Saúde Psicológica e Bem-estar*. Apresentado pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência e parceiros.

# ASSP Alvor

## Férias

- Situado no coração do Alvor
- Acolhedor
- Piscina
- Minimercado e Bar



# Seguros ASSP para toda a família

- Apólice de Grupo
- Preços Económicos
- Possibilidade de agregar familiares
- Complemento ao subsistema público da ADSE

Saiba mais em [www.assp.pt](http://www.assp.pt)



## A palavra aos Professores



**Nicolau Borges**  
Plano Nacional de Leitura (PNL)

# A poética d(n)a Leitura

“Ler é viajar por mundos interiores,

É ver o que os olhos não conseguem alcançar.

Na companhia dos livros, enfrentamos temores,

E descobrimos sonhos que a alma vai guardar.”

Sofia de Mello Andresen



A leitura é como um sussurro delicado trocado entre texto e leitor. O encontro onírico entre o autor, a sua imaginação, os seus mundos (ora reais, ora imaginados, ora vividos, ora inventados), e leitores captativos disponíveis para todos e os devidos efeitos, especiais e espaciais.

A leitura não é apenas um ato de descodificação de palavras, é uma dança delicada entre o texto e o leitor. É um encontro de almas, onde o autor partilha o íntimo da sua imaginação, e o leitor absorve, transforma e recria signos e experiências de vida e de imaginação criativa em seu proveito pessoal.

Há uma magia indescritível na forma como as palavras, aparentemente estáticas no texto, ganham vida ao serem lidas. Elas cantam, sussurram, gritam e emocionam. A poética da leitura reside nesta capacidade de trans-



**“A história da leitura é um reflexo da evolução das civilizações humanas e de como elas se ligaram, como comunicam, arquivam e socializam conhecimento.”**

cender o vulgar e de nos transportar para um espaço onde tudo é possível, onde cada página se transforma num cenário propiciador de emoções e de viagens mentais infinitas.

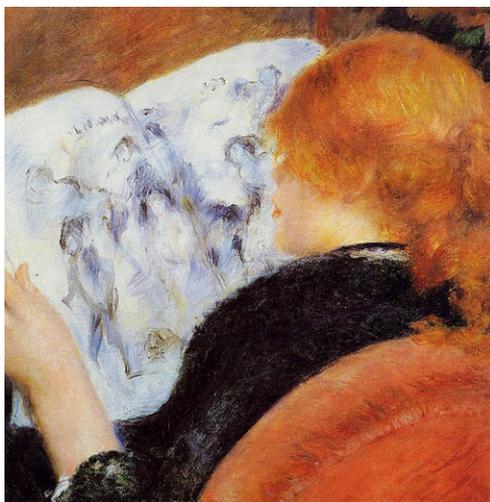
A leitura é um ato tão criativo, quanto o é o ato da escrita. Cada leitor traz consigo um mundo de experiências, sonhos e emoções, que se entrelaçam com o texto, criando uma interpretação única e pessoal. É esta fusão de perspectivas que transforma a leitura numa experiência rica e multifacetada.

Ler é descobrir a beleza nas entrelinhas, perceber o ritmo das frases, a melodia das palavras e a harmonia dos conceitos. É apreciar a sutileza das metáforas, a profundidade das analogias e a elegância das construções literárias. Ler é, sobretudo, sentir, viver, sem limites e sem condicionalismos.

A leitura tem uma poética própria e essa poética envolve cumplicidade, silêncio, silêncios. Silêncios carregados de signos, onde a mente do leitor dialoga com o texto, onde cada pausa é uma oportunidade para pensar, refletir, imaginar e sonhar. É nesses silêncios que se encontra a verdadeira essência da leitura, em que as palavras se transformam em pontes para lugar algum, para todos os lugares.

A história da leitura é um reflexo da evolução das civilizações humanas e de como elas se ligaram, como comunicam, arquivam e socializam conhecimento.

Nos primórdios da nossa civilização, a leitura brotava como miragens espirituais, invetivando-se como ponte entre mundos, ligando almas, corações e



**“A leitura é um encontro de almas onde o autor partilha o íntimo da sua imaginação, o leitor absorve, transforma e recria signos e experiências de vida e imaginação criativa em seu proveito pessoal.”**

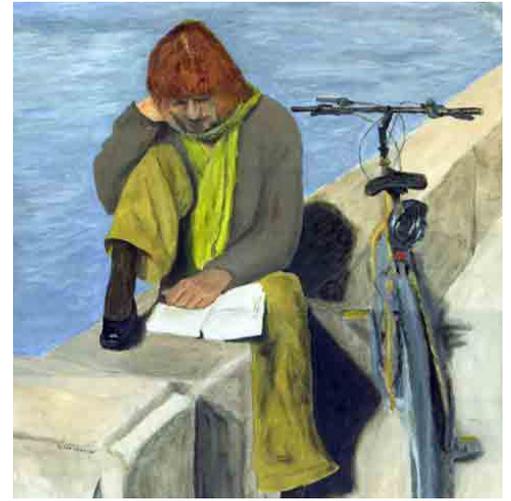
mentes. Na Mesopotâmia e no Antigo Egito, a escrita cuneiforme e os hieróglifos floresceram como placas cerâmicas ornamentadas com signos mais ou menos geométricos, e como lírios em campos de papiros, guardados por druidas, escribas e sacerdotes, mestres das palavras, senhores do saber, detentores da magia. Os seus registos, entre rituais e administrações, são a chave para se ler um passado teopoetizado.

Nas culturas clássicas, a escrita e a leitura ganham um novo brilho, personalizam-se como

autênticas guardiãs do conhecimento e do pensamento humanista. Textos literários, poéticos, filosóficos, legais, científicos e necrológicos, elevam a leitura à categoria de matriz social em que o intelecto, o cultural e o humanista se instalam em espaços privados e nos espaços cívicos.

O período medieval, um tempo de sombras iluminadas, a leitura confina-se aos muros sagrados dos templos, verberados em manuscritos ricamente adornados, tornando a leitura num privilégio raro, um tesouro escondido





nas bibliotecas monacais. A alma dos textos, envolta em iluminuras, como estrelas no céu noturno, brilhava para poucos, num imaginário fantástico com uma poética de fé, temor e fantasmagoria.

Com Gutenberg, inflama-se a alma, explode a criatividade humana multiplica-se a magia da multiplicação da essência do conhecimento, brilha a poética, a materialização do dom de conceber páginas infinitas. Os livros, antes preciosos, são agora sementes lançadas ao vento. A alfabetização expande-se, ideias flo-

rescem no solo fértil do Renascimento, cumulado o despertar de mentes e de espíritos indomáveis.

Com o passar dos séculos, a leitura democratiza-se, a educação abre portas para novos mundos, a revolução industrial espalha livros e jornais pelo mundo. A leitura torna-se um hábito comum, um farol que ilumina e transforma, moldando opiniões, tecendo cultura.

Na era digital, a leitura renasce, abraçando o brilho da tecnologia. E-books, artigos online,

**“Na era digital a leitura renasce, abraçando o brilho da tecnologia. E-books, artigos online, plataformas digitais e audiolivros emergem como novas formas de interação com o texto.”**



plataformas digitais e audiolivros emergem como novas formas de interação com o texto. A tecnologia digital, qual alquimista moderno, democratiza o acesso, abrindo portais de conhecimento a leitores espalhados pelo mundo, permitindo um mergulho instantâneo num oceano vasto de informações e de literatura.

Esta revolução torna-se um pilar matricial da educação. Livros, artigos e outros materiais de leitura são fontes indispensáveis de saber, moldando indivíduos informados e capazes. A sociedade de hoje, diante da avalanche de informações, publicações, aplicações, tecnologia digital, Inteligência Artificial, enfrenta o desafio de nutrir um desenvolvimento onde o Pensamento Crítico é a estrela guia. Ler é uma chama que acende a capacidade de questionar e analisar, vital no nos-

so mundo onde a informação é abundante, mas nem sempre confiável.

Ler é mais do que decifrar palavras; é uma viagem pelo reino da imaginação, uma exploração dos limites do conhecimento humano e uma janela para mundos inexplorados. Cada livro é um convite para descobrir novos horizontes, entender diferentes perspectivas e mergulhar em histórias que transformam a nossa visão do mundo.

A leitura é uma arte que exige sensibilidade e atenção, um diálogo silencioso entre autor e leitor, onde cada palavra é uma pincelada de emoção, pensamento e criatividade. Ao ler, somos transportados para épocas distantes, lugares exóticos e realidades alternativas. As páginas de um livro são um refúgio, onde encontramos consolo, inspiração e sabedoria.



**“A leitura é uma arte que exige sensibilidade e atenção, um diálogo silencioso entre autor e leitor, onde cada palavra é uma pincelada de emoção, pensamento e criatividade.”**

A arte de ler é também um exercício de empatia. Ao nos conectarmos com personagens fictícias, compreendemos melhor as complexidades da condição humana. Absorvemos as suas alegrias, suas dores, suas vitórias e derrotas, e, em cada experiência vivida através da leitura, aprendemos algo novo sobre nós mesmos.

A poética da leitura é um universo rico em encantamentos e descobertas. É onde o leitor e o texto se encontram num espaço íntimo e mágico. A leitura é uma dança silenciosa de palavras e emoções, um ato de criação e recriação, onde cada leitor tece as suas próprias interpretações e vivências.

Ao ler, somos transportados para reinos desconhecidos, somos convidados a explorar o interior das mentes dos autores, a compreender suas visões e sentimentos. Cada livro é uma janela aberta para outras realidades, uma possibilidade de viajar através do tempo e do

espaço sem sair do lugar.

A leitura permite-nos experimentar o que nunca viveríamos de outra forma, sentir dramas e alegrias que não são nossas, mas que, de alguma forma, nos transformam. É um ato de profunda empatia e conexão humana, onde as fronteiras entre o “eu” e o “outro” se dissolvem.

E, na poética da leitura, encontramos não apenas conhecimento e entretenimento, mas também um refúgio, um consolo e uma inspiração. As palavras, habilmente tecidas, têm o poder de nos sensibilizar, de despertar sentimentos adormecidos e de nos fazer ler outros mundos.

Assim, a leitura não é apenas um ato de decifrar símbolos impressos em papel ou pintados em tela. É um mergulho na essência da experiência humana, uma viagem poética que ilumina as nossas vidas de artes infinitamente promissoras. ■

## Artigo

**Virgínia Alberta Martins**

Psicóloga Clínica, de Saúde e de Educação.

Artigo baseado na dissertação de mestrado, sob a orientação da Prof. Doutora Ana Tomás de Almeida

# Adolescência: O papel da adversidade e da resiliência nos comportamentos de risco

A adolescência é uma fase crítica do desenvolvimento e as experiências vividas neste período, bem como na infância, têm uma forte influência no desenvolvimento a curto, médio e longo prazo (Ehrlich et al., 2016). Os comportamentos e as atitudes são largamente influenciados pelo nosso ambiente. A vivência de experiências adversas na infância (adiante designadas de ACEs) tem, frequentemente, um impacto negativo na saúde física e psicológica. Ainda assim, há fatores protetores que podem mitigar os seus efeitos prejudiciais, tais como a resiliência. Para testar este pressuposto, realizámos um estudo que analisou o efeito da resiliência na relação entre ACEs e comportamentos de risco, junto de uma amostra representativa de um conselho da região norte, composta por 1135 estudantes do 3.º CEB.

No desenvolvimento do indivíduo, existem períodos especialmente suscetíveis a mudanças. Um desses períodos críticos ocorre na adolescência. A elevada plasticidade cerebral do adolescente favorece a aprendizagem e o desenvolvimento de novas competências, mas também facilita a ocorrência de perturbações emocionais. É uma fase de vulnerabilidade, mas também de oportunidade para otimização do funcionamento cerebral (Webster, 2022). A crise vivenciada na adolescência é inerente à formação da identidade do indivíduo (Leite et al., 2019). É uma fase de intensa transformação, de procura de identidade, fortemente caracterizada pela necessidade de experimentação, que vem, frequentemente, associada a comportamentos de maior risco (Domingues et al., 2014). Muitos desses comportamentos podem acontecer apenas pelo carácter exploratório do



adolescente, mas, se não forem precocemente identificados e monitorizados, podem levar à sua consolidação, com graves prejuízos no capital humano do próprio e no seu bem-estar a longo prazo (Feijó & Oliveira, 2001).

Importa clarificar que o risco comportamental é aqui entendido como o envolvimento em atividades que podem comprometer a saúde física e mental do próprio. Entre os comportamentos mais relatados na literatura encontram-se o consumo de álcool, de tabaco ou drogas, relações sexuais desprotegidas ou em idade precoce, dependência de jogos, comportamentos suicidas e/ou autodestrutivos e delinquência (Rodrigues, 2019).

Na mesma linha de pensamento, o risco escolar é aqui definido pela presença de comportamentos que podem comprometer o trajeto escolar e a futura integração profissional. A indisciplina, o insucesso e o absentismo ou abandono escolar, enquanto indicadores de risco escolar, têm várias

“

*A indisciplina, o insucesso, e o absentismo ou abandono escolar, enquanto indicadores de risco escolar, têm várias causas, incluindo problemas relacionados com o aluno, com a família, com a escola e com outros aspectos socio-económicos.*

”

causas, incluindo problemas relacionados com o aluno, com a família, com a escola e outros aspetos socioeconómicos (Pires, 2016).

São vários os fatores de influência no adolescente, mas entre eles, há alguns com impactos mais diretos e imediatos. Por exemplo, a influência dos pares é um forte preditor para o início de alguns comportamentos de risco. Outra influência expressiva é a qualidade das relações parentais e ambientes familiares (Bozzini et al., 2022). Também relevante é o facto dos adolescentes, distintamente dos adultos e das crianças, estarem mais suscetíveis à influência de modelos apresentados pelos media, que apresentam diariamente informações inadequadas ou desproporcionais às suas necessidades, e que podem contribuir para uma banalização de conceitos éticos, morais e/ou sexuais (Feijó & Oliveira., 2001). Esta influência é crescente e cada vez mais impactante na nossa sociedade atual. Ainda de referir os “determinantes sociais da saúde”, que são condições

“

*Muitos comportamentos adolescentes podem acontecer apenas pelo carácter exploratório do adolescente, mas se não forem identificados e monitorizados podem levar à sua consolidação, com graves prejuízos no capital humano do próprio e do seu bem-estar a longo prazo.*

”

não médicas nas quais a pessoa vive (como, por exemplo, a pobreza), que podem impactar negativamente o seu desenvolvimento (Bozzini et al., 2022). Um determinante social da saúde pode ser a vivência de ACEs explorada no presente estudo.

Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância, mais de 40 milhões de crianças foram submetidas a pelo menos um tipo de ACEs. Geralmente, as ACEs incluem maus-tratos

infantis (sob a forma de abuso físico, sexual ou emocional, negligência emocional ou física) e/ou disfuncionalidade no ambiente familiar (sob a forma de violência doméstica, convivência com familiar toxicodependente, com doença mental, ideação suicida ou antigo recluso) (Rodrigues, 2019). Múltiplos estudos demonstraram que a presença acumulada de ACEs tem efeitos negativos profundos no desenvolvimento do adolescente, em várias dimensões (Hunt et al.,



2017), entre as quais: alterações neurológicas, desenvolvimento de psicopatologias, consumo excessivo de estupefacientes, comportamentos violentos e insucesso escolar.

Apesar do conhecido impacto negativo das adversidades no desenvolvimento biopsicossocial, há adolescentes adaptados e competentes mesmo em circunstâncias muito difíceis, o que nos remete para o conceito de resiliência. Este engloba duas condições básicas: por um lado, o enfrentamento de adversidades com potenciais implicações negativas para a saúde e/ou para o desenvolvimento e, por outro, uma resposta adaptativa diante dessa mesma adversidade, por forma a manter a funcionalidade do indivíduo (Rooke & Pereira-Silva, 2012). Os fatores associados à resiliência, em adolescentes em situação de risco, não residem apenas nos próprios indivíduos, mas antes nas interações que incluem fatores da família, da escola, das amizades e da comunidade, refletindo o contexto ao qual o indivíduo pertence (Vanderley et al., 2020). Os mecanismos sociais são essenciais no enfrentamento das dificuldades, com destaque para o papel protetor de uma rede de apoio social que pode ser composta, por exemplo, por profissionais de educação (Vanderley et al., 2020).

Neste estudo verificamos que 38,2% da amostra relatou já ter experienciado uma das ACEs avaliadas. Esta constitui uma percentagem muito elevada de adolescentes expostos a stress tóxico. De salientar que, pela sua natureza, ex-

perenciar uma categoria de ACEs tende a estar associada a experienciar mais categorias, ou a aumentar a sua probabilidade (Felitti et al., 1998), multiplicando a possibilidade de consequências nefastas. Na nossa amostra, as categorias mais prevalentes foram a separação dos pais, seguida da exposição a violência e abuso psicológico em contexto familiar.

Analisando as diferenças entre sexos, verificou-se que as raparigas relataram mais ACEs do que os rapazes, particularmente nas categorias associadas à disfuncionalidade familiar. É curioso verificar que, quando se compara este resultado com os dados anuais das Comissões de Crianças e Jovens em Perigo (CPCJ, 2023), vemos que as sinalizações feitas a esta entidade, de crianças e jovens que se encontram em ambientes familiares disfuncionais, são maioritariamente de rapazes. Tendo em conta que, no nosso estudo usamos um questionário de autorrelato, isto pode indiciar uma menor perceção ou predisposição dos rapazes para identificar que se encontram em situações adversas. No que concerne aos comportamentos de risco, os resultados obtidos no nosso estudo reiteram que o risco escolar e comportamental se manifesta de forma distinta entre rapazes e raparigas. As raparigas parecem demonstrar maior sensibilidade ao ambiente escolar e respeito pelas normas instituídas, sendo mais permeáveis às intervenções, enquanto que os rapazes tendem a exibir comportamentos de risco mais frequentes e intensos. Note-se que nos rapazes, a partir dos 15 anos, o risco comportamental aumenta para mais do dobro.

Sabendo que os programas preventivos realizados em contexto escolar são, na generalidade, menos eficazes junto dos rapazes, os resultados analisados sugerem que os esforços de prevenção devem ser ajustados com uma ênfase proativa neste grupo. A escola desempenha um papel central na modulação do risco, podendo amplificá-lo ou reduzi-lo. Enquanto técnicos de intervenção no terreno pode-nos ser difícil intervir diretamente nas famílias, enquanto contextos privados, contudo, por meio de políticas públicas, é viável atuar a partir do contexto escolar, onde se dispõe de poder decisório e capacidade normativa para implementar medidas de forma eficaz. Isso realça a importância de programas de prevenção abrangentes, que integrem a comunidade e as famílias, com a escola servindo como ponto de partida. Estes podem focar, entre outros, a promoção da resiliência, já que esta foi considerada um mediador significativo entre a vivência de ACEs e a exibição de com-

portamentos de risco, exercendo um papel protetor ao atenuar o impacto das adversidades.

Estas intervenções podem mesmo ocorrer antes dos eventos adversos, para que o indivíduo esteja melhor preparado para lidar com eles. A informação sobre ACEs no contexto de Portugal é ainda escassa na literatura, mas os relatórios anuais das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens mostram números preocupantes. Sem investimentos para identificar e tratar os impactos das ACEs na adolescência, as repercussões ao nível individual, social, em saúde e na produtividade futura podem ser enormes. Juntos, e através do desenvolvimento de abordagens multifacetadas, temos a capacidade não apenas de impactar a adolescência como uma fase crítica do desenvolvimento, mas também de reduzir o impacto do trauma infantil no decurso de vida, à medida que os adolescentes fazem a transição com sucesso para a idade adulta. ■

---

## Referências bibliográficas:

- Bozzini, A., Bauer, A., Maruyama, J., Simões, R. & Matijasevich-Manitto, A. (2022). Fatores associados a comportamentos de risco na adolescência: Uma revisão sistemática. *Debates em Psiquiatria*, 12, 1-41.
- Comissão de Proteção de Crianças e Jovens. (2023). Relatório anual de avaliação da atividade da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens.
- Domingues, S., Leite, J., Martins, I., Sampaio, J., Fonseca, G. & Lira, S. (2014) Comportamentos de risco dos adolescentes portugueses e influência do meio ambiente. *Nascer e crescer*, 23(3), 124-133.
- Ehrlich, K. B., Miller, G. E., & Chen, E. (2016). Childhood adversity and adult physical health. *Developmental psychopathology*, 1-42.
- Feijó, R & Oliveira, É. (2001) Comportamentos de risco na adolescência. *Jornal de Pediatria*, 77(2), 125-134.
- Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., Marks, J. S. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults. *American Journal of Preventive Medicine*, 14, 245-258.
- Hunt, T. K., Slack, K. S., & Berger, L. M. (2017). Adverse childhood experiences and behavioral problems in middle childhood. *Child abuse and neglect*, 67, 391-402.
- Leite, A. A. & Silva, M. L. (2019). Um estudo bibliográfico da teoria psicossocial de Erik Erikson: Contribuições para a educação. *Debates em educação*, 11(23), 148-168.
- Pires, H. (2016). *Diferenças de Género na Educação: Atraso, Abandono Escolar e Abandono Precoce em Portugal, 1991-2011*. (Dissertação de mestrado: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas).
- Rodrigues, E. (2019). *Experiências adversas e comportamentos de risco: o papel da perspectiva temporal e expectarias*. (Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação, Universidade do Minho).
- Rooke, M. I., & Pereira-Silva, N. L. (2012). Resiliência familiar e desenvolvimento humano: análise da produção científica. *Psicologia em Pesquisa*, 6(2), 179-186.
- Vanderley, I. C., Vanderley, M. A., Santana, A., Scorsolini-Comin, F., Neto, W. & Monteiro, E. (2020). Factors related to the resilience of adolescents in contexts of social vulnerability: integrative review. *Enfermería Global*, 59, 612-625.
- Webster, E. (2022) The impact of adverse childhood experiences on health and development in young children. *Global Pediatric Health*, 9, 1-11.



## A palavra aos Estudantes

David Morais da Silva

Presidente da Direção da AEFLUP

# O estado do Ensino Superior em Portugal

O Ensino Superior em Portugal está a passar por um momento conturbado e de muita incerteza. A falta de habitação estudantil está, de dia para dia, a tornar-se insustentável. A ação social não é suficiente para ajudar os estudantes que mais precisam dela. O financiamento do Ensino Superior é insuficiente e está a tornar as Instituições menos independentes financeiramente e incapazes de sobreviver. Juntando a estes fatores, ainda temos a recente incerteza sobre o estado do

congelamento da propina. Como todos sabemos, habitação estudantil, ou a falta dela, é neste momento o maior entrave à equidade no Ensino Superior. A falta de camas públicas que possam alojar todos os estudantes deslocados que temos no nosso país, principalmente nos grandes centros académicos como Porto, Lisboa e Coimbra, é gritante. Estamos muito longe das 18 mil camas prometidas por António Costa sobre a alçada do PRR, cumprindo o PNAES e, até chegar a esse nível, nunca conseguiremos garantir uma cama para todos os alunos deslocados bolseiros, quan-

to mais para todos os alunos deslocados no geral. Ademais, vemos o mercado paralelo de arrendamento a cobrar preços exacerbados, inflacionando os mesmos à vontade, pois o setor público não consegue cobrir o mínimo dos mínimos para os seus estudantes. Attingir o Ensino Superior Público como este foi desenhado, passa por garantir habitação a todos que dela necessitam.

Pelo mesmo caminho está a ação social, uma vez que sem uma ação social direta forte, a equidade nunca será garantida e não podemos cumprir um dos princípios base da nossa



“

*Como já tem vindo a ser defendido pelas estruturas estudantis do Porto e não só, se canalizássemos esses 215 milhões de euros para reforçar a ação social e fazer desta uma verdadeira arma para apoiar os estudantes que dela necessitam para frequentar o ES, isso sim seria uma boa medida pública.*

”



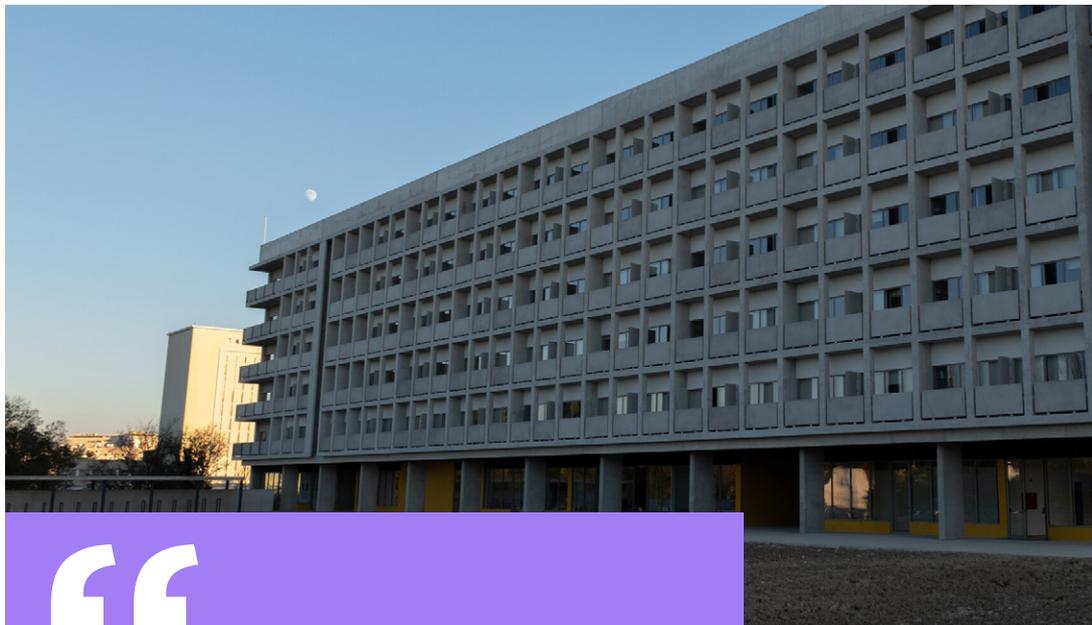
democracia – o acesso (e permanência) ao Ensino Superior a todos que o desejem.

O IAS (Indexante de Apoios Sociais), apesar de ter aumentado 13.24€, não chega para cobrir todos aqueles que realmente necessitam de bolsas para conseguir frequentar o ES, pelo que o indexante continua preso em 11 IAS e enquanto assim for, a ação social direta não irá abranger todos os estudantes que dela necessitam. Vemos o Governo do PSD a continuar com uma medida que tanto criticaram do governo do PS – a devolução de propinas. Como já tem

vindo a ser defendido pelas estruturas estudantis do Porto e não só, se canalizássemos esses 215 milhões de euros para reforçar a ação social e fazer desta uma verdadeira arma para apoiar os estudantes que dela necessitam para frequentar o ES, isso sim seria uma boa medida pública.

Se o financiamento do Ensino Superior é insuficiente para as IES conseguirem sobreviver, quanto mais para dar condições dignas aos seus estudantes. Principalmente nas Faculdades das áreas das Ciências Humanas, como o caso da Fa-

culdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), onde para além de falta de espaços para os alunos consumirem as suas refeições, a falta de salas de aulas para albergar turmas inteiras, a falta de espaço de convívio e estudo para os estudantes, a faculdade também não tem a capacidade de contratar professores para colmatar todas as cadeiras que são lecionadas, obrigando os mesmos a terem turmas de grandes proporções e serem sobrecarregados com horários, impedindo-os de desenvolver investigação. O financiamento do ES não pode por faculdades de lado dependendo da



“

*(...)descongelar a propina não é solução para resolver os problemas do Ensino Superior, mas sim retroceder nos avanços que têm sido feitos para almejarmos um Ensino Superior Equitativo, é um retrocesso a par dos melhores países europeus na matéria de educação(...)*

”

sua área de estudo – um estudante de Letras não vale menos do que qualquer outro, de outras áreas. A somar a isto, os Órgãos de gestão das IES apontam como motivo para uma das falhas do seu financiamento a dívida de propinas por parte de alunos e *alumnis*, porém, não têm de ser os estudantes a tapar os buracos que as sucessivas políticas públicas têm deixado no Ensino Superior ao longo dos tempos.

Não posso acabar este artigo sem falar das declarações do Ministro da Educação, Fernando Alexandre, sobre o descongelamento da propina. Senhor Ministro, descongelar a propina não é solução para resolver os problemas do Ensino Superior,

mas sim retroceder nos avanços que têm sido feitos para almejarmos um Ensino Superior Equitativo, é um retrocesso a par dos melhores países europeus na matéria de educação, como os países nórdicos. Há mais soluções viáveis do que aumentar o custo para frequentar o ES. Aumentar a ação social, aumentar as residências públicas e proporcionar às IES um financiamento justo para que estas possam trabalhar é o caminho que temos de seguir.

Um país que se quer democrático, livre e com capacidade de crescer, tanto economicamente como socialmente, tem de ter na educação a sua arma mais forte. ■

## A palavra aos sindicatos



**Manuela Mendonça**

Presidente do Conselho Nacional da Fenprof

# Educação Sem Professores?!...

Sabendo que uma educação pública de qualidade é um pilar fundamental de uma sociedade democrática e que, como a UNESCO tantas vezes tem afirmado, a construção de um sistema educativo de qualidade é inseparável da valorização social e material da profissão docente, 50 anos após o 25 de Abril, impõe-se uma reflexão sobre a importância do direito universal à educação — uma das maiores conquistas da nossa democracia —, e sobre até que ponto esse direito se vê ameaçado pela progressiva falta de professores.

Se compararmos a situação em Portugal há 50 anos com a situação atual, não apenas na educação, mas nos mais diversos setores da sociedade, não restam dúvidas de que o país fez progressos assinaláveis em muitas áreas. Para isso, muito contribuiu a democratização do acesso à educação, porque o direito à educação é o direito potenciador de todos os outros direitos. Como lembrava recentemente António Guterres, numa cimeira das Nações Unidas, “a educação transforma vidas, economias e sociedades”.

Há muito que a Fenprof vinha alertando para a grave crise de recrutamento e retenção de professores qualificados em vários países europeus e para os fatores que têm vindo a tornar a profissão cada vez mais desgastante e menos atrativa para os jovens: a crescente intensificação e burocratização da sua atividade, a desregulação da carreira, a precariedade de emprego, a indisciplina e violência no espaço escolar, falta de apoios para uma educação efetivamente inclusiva, um regime autocrático de gestão escolar, o controlo administrativo sobre a profissão,

a pressão social sobre a escola ou a falta de reconhecimento — simbólico e material — da importância do trabalho dos professores e da função social que desempenham.

Para reforçar este alerta, em 2018, a Fenprof encomendou um estudo à Universidade Nova de Lisboa, sobre as condições de vida e de trabalho na educação em Portugal. Entre outros aspetos, este estudo concluiu que 76% dos professores se encontravam em estado de exaustão emocional e 84% ansiavam pela reforma antecipada. Integrados nas conclusões do estudo, encontram-se testemunhos de docentes que anteciparam a sua aposentação. Cito algumas frases do relato de uma professora de Português:

*“Trabalhava intensamente, muito para além do razoável, com a certeza, de que mais de 50% desse trabalho em nada contribuía para a formação dos alunos, e com a aguda percepção de que o meu esforço e o dos meus pares apenas respondia a necessidades falsamente criadas por um complexo mecanismo organizacional acéfalo. (...) Não há um único dia em que não sinta que saí antes do tempo. (...) E não há um único dia em que não sinta um profundo alívio por ter saído, em andamento, numa engrenagem trituradora de qualquer pulsão verdadeiramente criativa. Do ponto de vista da construção do presente e do futuro, atormenta-me saber o muito que se está a perder e intuir o potencial que se comprometerá, quando apenas os menos preparados (para não dizer os menos capazes) aceitarem ser professores”.*



Se não se travar este caminho, a perda de qualidade científica e pedagógica da escola pública, que inevitavelmente decorrerá da falta de professores qualificados, representará um enorme retrocesso no direito à educação, tal como o entendemos e está constitucionalmente consagrado.

Desde logo, importa compreender os erros que nos trouxeram até aqui: *i)* legislar no pressuposto de que no sistema educativo português há dois interesses distintos, porventura até antagónicos, em que de um lado está o interesse dos professores, do outro, o das escolas e dos alunos — um erro porque melhores condições de trabalho para os professores são melhores condições de aprendizagem para os alunos e o sucesso educativo dos alunos é condição de realização profissional dos professores; *ii)* considerar a educação uma despesa e não um investimento — um erro que tem levado ao subfinanciamento crónico do setor e a uma governação à vista que tem habitualmente como horizonte as próximas eleições legislativas; *iii)* desvalorizar o diálogo social e a negociação com os sindicatos representativos dos docentes — um erro porque os sindicatos têm propostas para responder aos problemas, construídas com os professores, que são quem conhece a realidade no terreno e melhor pode avaliar as possíveis soluções.

Nesse sentido, a Fenprof apresentou propostas a sucessivas equipas ministeriais, visando garantir segurança e estabilidade de emprego, uma carreira valorizada e uma remuneração digna, condições de trabalho que permitissem aos professores canalizar o seu tempo e a sua energia para o trabalho com os alunos, mais apoios para uma educação efetivamente inclusiva e a democratização da gestão das escolas. Só com medidas de fundo nestas áreas será possível rejuvenescer a profissão docente e fazer regressar às escolas milhares de professores qualificados que abandonaram a docência por falta de perspetivas de futuro que, segundo dados oficiais, foram cerca de 14 500, só nos últimos seis anos.

Sobre as medidas que se impõe tomar, nem todas custam dinheiro — é o caso da desburocratização da atividade docente ou da democratização do governo das escolas. Mas muitas delas têm, como é óbvio, implicações orçamentais. Por exemplo, garantir a entrada nos quadros de mais professores e eliminar os obstáculos à progressão na carreira implica um investimento adicional. Mas muitas das medidas avulsas que têm vindo a ser tomadas também têm um custo. São disso exemplo o recurso ao pagamento de horas extraordinárias ou a contratação de profissionais sem habilitação. A diferença está em que, no primeiro caso, esse acréscimo orça-

“O que está em causa é demasiado importante para que possamos ser espectadores passivos de um desastre anunciado.”

mental servirá para tornar a profissão docente mais gratificante no presente e no futuro. E, no segundo caso, o dinheiro gasto não só não permitirá resolver o problema da falta de professores, como tenderá a agravá-lo. Porque tudo o que implique uma ainda maior sobrecarga de trabalho de docentes que já se encontram em estado de exaustão, levará mais professores a entrar de baixa médica, agravando a situação. Da mesma forma, o recurso a profissionais não qualificados acentuará a precarização e a proletarização da profissão, comprometendo ainda mais a sua imagem e reconhecimento social e, conseqüentemente, a atratividade da profissão.

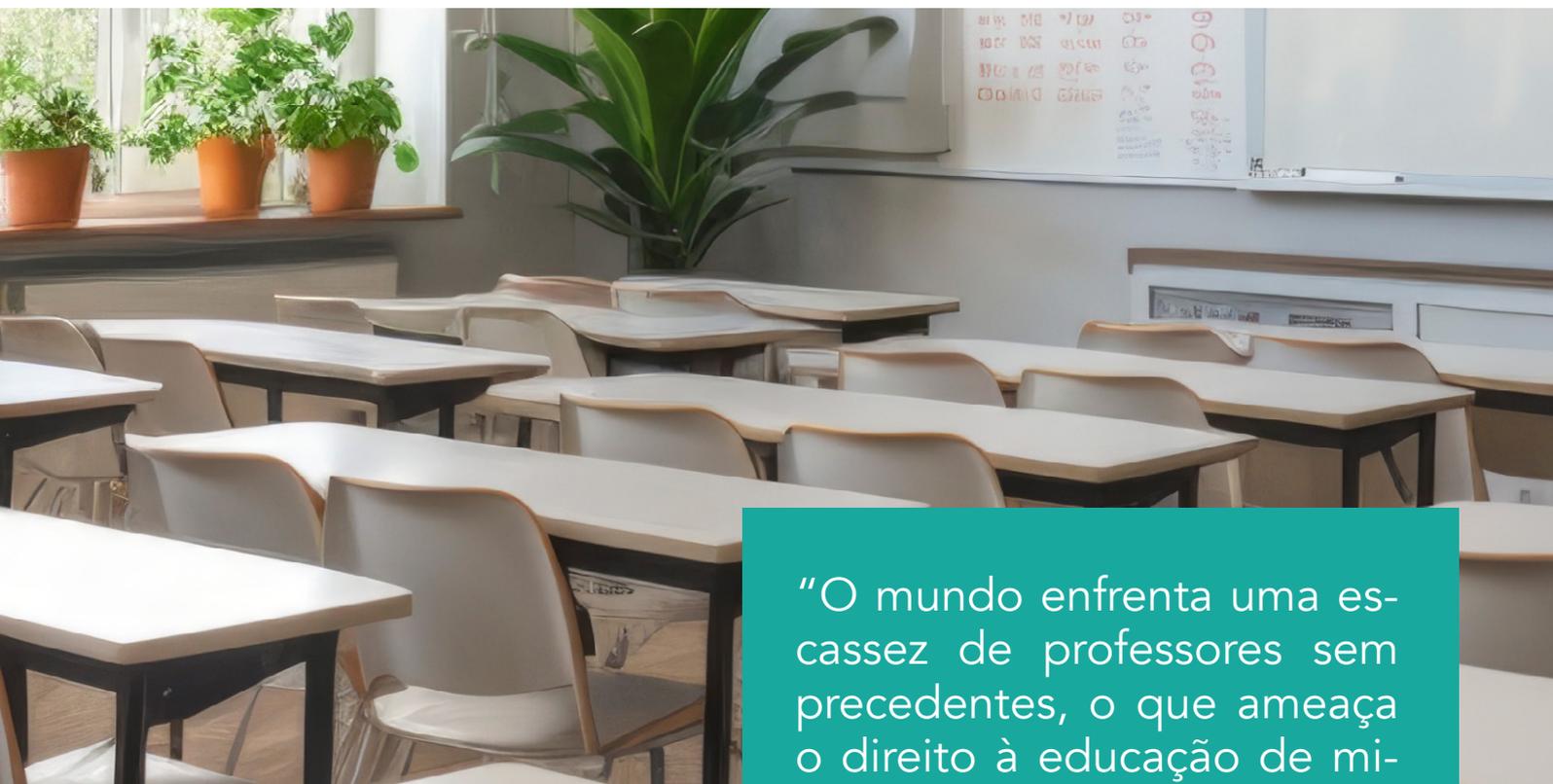
O mundo enfrenta uma escassez de professores sem precedentes, o que ameaça o direito à educação de milhões de estudantes, agrava as desigualdades e discriminações e compromete o desenvolvimento social e económico a longo prazo das comunidades e das nações. A falta de professores é um problema da sociedade no seu todo. Esta deve mobilizar-se para exigir dos decisores políticos que concretizem as recomendações das Nações Unidas sobre a profissão docente. Isso passa por melhorar o estatuto e as condições de trabalho dos professores, passa por desenvolver um discurso positivo que realce o seu papel fundamental na sociedade e aumente a percepção do valor da profissão. Passa, também, por

reconhecer o papel insubstituível da relação humana no processo de ensino aprendizagem, que nenhuma tecnologia ou inteligência artificial poderá substituir.

Na semana da abertura do ano letivo, um canal de televisão passou uma notícia com o título: “Novo ano letivo: inteligência artificial substitui professores no Reino Unido”. A notícia relatava uma experiência numa escola privada em Londres, em que os alunos do 12.º ano têm aulas numa sala, com computadores e óculos de realidade aumentada, mas sem professores.

Isso trouxe-me à memória uma intervenção de António Nóvoa, em 2006, na Assembleia da República, aquando da abertura do Debate Nacional sobre Educação:

*“Todos sabemos que não há nada, absolutamente nada, que substitua um bom professor. O seu exemplo, a sua inspiração, acompanham-nos pela vida fora. Da existência de bons professores, e do seu prestígio, depende, e muito, o futuro das nossas escolas. (...) Que ninguém duvide: o que decide o futuro de muitas crianças e de muitos jovens*



*“não são as leis, nem os programas, são, sim, os bons professores. O reforço do seu prestígio e da sua cultura profissional são determinantes para qualquer programa de melhoria da escola”.*

Um ou dois dias depois da referida notícia, o noticiário matinal de uma estação de rádio dava nota da morte do ator norte-americano James Earl Jones, conhecido por emprestar a voz ao lendário vilão da saga Star Wars, Darth Vader, ou a Mufasa, em “O Rei Leão”. Dizia a notícia:

*“No entanto, nada o predestinou para se tornar numa das vozes mais emblemáticas da história do cinema: até aos 8 anos, o jovem James Earl Jones mal falava devido a uma forte gaguez. Como ele próprio contou ao Daily Mail, em 2010, ‘a gaguez é dolorosa. No catecismo, estava a tentar ler as lições e as crianças atrás de mim reboavam no chão de tanto rir’. [Acrescento do jornalista:] Recupera finalmente o controlo da fala, graças à recitação de poemas, por iniciativa do seu professor de Inglês, ele próprio poeta.”*

*“O mundo enfrenta uma escassez de professores sem precedentes, o que ameaça o direito à educação de milhões de estudantes, agrava as desigualdades e discriminações e compromete o desenvolvimento social e económico a longo prazo das comunidades e das nações.”*

O que está em causa é demasiado importante para que possamos ser espectadores passivos de um desastre anunciado. O subfinanciamento da educação pública não é resultado de falta de recursos, mas de prioridades erradas. Redirecionar recursos para a educação garantirá que cada aluno seja ensinado por um professor qualificado. O futuro das crianças — e das sociedades — depende disso. ■

assp

# CONSIGNAR É AJUDAR

sem qualquer custo para si



Campanha  
de Consignação de IRS

# NÃO FIQUE DE FORA

# 501 406 336